

Luiz Henrique Oliveira
Fabiane Cristine Rodrigues

TRAJETÓRIAS EDITORIAIS DA LITERATURA DE AUTORIA NEGRA BRASILEIRA

poesia,
conto,
romance e
não ficção



SUMÁRIO

**PREFÁCIO:
ENTRE A AUTOEDIÇÃO E O QUILOMBO EDITORIAL — 13**

APRESENTAÇÃO — 19

INTRODUÇÃO — 27

1 Campo literário/campo editorial — 37

**PARTE I
POESIA E NARRATIVA (CONTO E ROMANCE) — 49**

**2 Trajetórias editoriais da poesia de autoria negra
brasileira: publicações individuais (1859–2020) — 51**

2.1 Autoras, autores x obras — 54

2.2 Locais de publicação — 60

2.3 Editoras / iniciativas editoriais — 65

**3 Trajetória editorial da narrativa
de autoria negra brasileira: publicações
individuais de contos e romances (1859–2020) — 73**

3.1 Autoras, autores x obras — 76

3.2 Locais de publicação — 82

3.3 Editoras / iniciativas editoriais — 89

- 4 Períodos de publicação:
poesia e narrativa (contos e romances) — 97**
4.1 Poesia — 100
4.2 Narrativa: conto e romance — 102

**PARTE II
NÃO FICÇÃO — 129**

- 5 Trajetória editorial da produção
não ficcional de autoria negra
brasileira: livros individuais (1906–2020) — 131**
5.1 Autoras, autores x obras — 137
5.2 Locais de publicação — 139
5.3 Editoras/ iniciativas editoriais — 141
5.4 Períodos de publicação x assuntos — 147

**PARTE III
A EDIÇÃO — 159**

- 6 Os quilombos editoriais — 161**

PALAVRAS FINAIS — 193

Agradecimento — 197

REFERÊNCIAS — 199

ANEXOS — 207

PREFÁCIO

**ENTRE
A AUTOEDIÇÃO E
O QUILOMBO EDITORIAL**

*Mesquinho e humilde
livro é este
que vos apresento, leitor.
Sei que passará entre
o indiferentismo glacial de uns
e o riso mofador de outros,
e ainda assim
o dou a lume.*

MARIA FIRMINA DOS REIS

1859

As palavras em epígrafe, oriundas de nossa primeira romancista negra, remetem a tempos e mentalidades marcadas pelo preconceito em que se fundamentou a opressão de gênero também no campo da literatura. Situação esta agravada pela desumanização decorrente de séculos vividos sob o taco da chibata senhorial e de seus muitos pelourinhos, físicos e psíquicos. Da combinação entre patriarcado e escravatura construiu-se um país onde vozes/escrituras femininas e, sobretudo, negras tinham que enfrentar a indiferença e o escárnio para grafar no papel suas angústias e esperanças, seus versos e estórias tão próximas de nosso retrato em preto e branco. E pagar caro pela ousadia que irá destinar seus nomes e escritos ao poço fundo do esquecimento. Nem por isto se calaram, persistiram. E publicaram, em patente desafio ao arquivo literário oficial, só nas últimas décadas do século XX posto em questão por olhos e ouvidos atentos aos escritos negros de agora, mas também aos de um passado que para muitos ainda não passou.

Assinado por Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues, o presente volume, empenhado em situar, analisar e demarcar estatisticamente a trajetória editorial da produção literária negra em nosso país, chega na hora certa. Nestas primeiras décadas do século XXI, assistimos a um vertiginoso crescimento desta vertente de nossas letras, não só em termos de publicações e editoras voltadas para a questão, mas, em especial, do grande contingente de jovens leitoras e leitores empenhados não apenas em fruir tais textos, mas também em se tornar sujeitos de uma criação poética, prosaica ou ensaística. Dos

microfones do *slam* ao texto digital e, mesmo impresso; das graduações, mestrados e doutorados aos artigos, monografias, dissertações e teses; e das experiências em coletâneas, como os *Cadernos Negros* e tantas outras, ao livro autoral, não são poucas as vozes e falas voltadas para a inscrição literária de suas vivências, reflexões, angústias, sentimentos e fantasias.

No momento em que escritos de Conceição Evaristo, Cuti, Carolina Maria de Jesus, Oswald de Camargo, Geni Guimarães, Jeferson Tenório, Itamar Vieira Junior e muitos mais se impõem como referência literária para o grande público brasileiro e estrangeiro, e não apenas para a juventude negra, o trabalho de Rodrigues e Oliveira corrobora e confere autenticidade histórica ao mantra *nossos passos vêm de longe*, sempre lembrado por Sueli Carneiro entre outras vozes, como as acima citadas.

O mapeamento parte de duas figuras de grande estatura intelectual e política, ambas vítimas de memoricídio – Maria Firmina dos Reis e Luiz Gama –, e toma como marco 1859, ano em que fazem sua estreia em publicações individuais, a primeira, na ficção, o segundo, na poesia. A partir desse marco significativo, corporificado na relevância de uma narrativa como *Úrsula* – além de abolicionista, primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a lusofonia – e dos poemas reunidos em *Primeiras trovas burlescas de Getulino* – pioneiro em todos os sentidos da melhor poesia afro-brasileira –, o presente estudo faz um amplo levantamento da atividade editorial voltada para escritos de autoria afrodescendente, englobando poesia, conto, romance e não ficção.

E volta ao passado de lupa na mão, a computar autores, autoras, publicações, gêneros e casas editoriais, muitas delas ainda desconhecidas, verdadeiros *quilombos editoriais*, na feliz designação crítica presente na parte final do livro. Mas vai além: à exatidão das estatísticas agrega informações de relevo a propósito do ambiente político e cultural dos períodos em que se divide a cartografia elaborada com esmero, a computar também a geografia da produção literária do período, com destaque para cidades, estados e regiões. E, mais de

uma vez, faz emergir a verdade obviamente crua, ligada à hegemonia do eixo Rio/São Paulo, com os indicadores de produção e consumo praticamente definindo quais autores e obras irão figurar no grande arquivo da literatura nacional. E dos números e estatísticas cuidadosamente elaboradas, vê-se como o fator econômico chega a assumir os rumos das leituras de milhões de pessoas e figurar como poderoso arconte, a definir o que irá para as estantes da “alta literatura”... e os que restarão esquecidos no regaço nem sempre atento das literaturas regionais e/ou das chamadas “minorias”.

E isto não é de hoje, mas desde sempre.

Chega, pois, em boa hora a pesquisa que desnuda em números os mecanismos operacionais da indústria do livro no Brasil. E que irá, certamente, contribuir para não apenas melhor compreendermos o fenômeno envolvendo quem pode e quem não pode publicar seus escritos, bem como chamar nossa atenção de leitores para os processos e procedimentos de superação desses obstáculos históricos.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE
Universidade Federal de Minas Gerais
Coordenador do Portal **literafro**